

APRESENTAÇÃO

O mundo contemporâneo volta a navegar em águas turbulentas. Ares de esgotamento do velho ciclo neoliberal se combinam com o retorno da rivalidade entre as grandes potências. O panorama do mundo pós-Guerra Fria foi substancialmente modificado pelos efeitos da crise mundial de 2008. A contradição entre uma inédita internacionalização do capital, com a integração das cadeias globais de valor, e a renovada competição interestatal recolocam discussões sobre um mundo multipolar. Isso porque a situação mundial, que apresenta enormes obstáculos a um novo ciclo de acumulação capitalista, exhibe menores margens para saídas negociadas entre potências que, em seus territórios, aplicam ajustes econômicos contra a população e apresentam em seus regimes políticos traços cada vez mais autoritários.

Em certo sentido, o símbolo internacional das contradições internas enfrentadas pelas classes dominantes em seus respectivos países é a guerra da Ucrânia. Essa guerra, para além dos seus contornos particulares, inclui a participação de grandes potências em cada um dos bandos - mesmo que, no caso da sustentação dos esforços militares ucranianos, os Estados Unidos (EUA) e a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) participem por procuração, dirigindo o comando e a logística das operações. Pelo peso político dos envolvidos, e a posição de cada um expressa no conflito, trata-se de algo muito maior que um conflito militar entre a Rússia e a Ucrânia. Estamos diante do questionamento (inclusive em termos militares) da antiga ordem globalizadora neoliberal estabelecida a partir do triunfo imperialista norte-americano no início da década de 1990. Sem ainda estarem presentes processos revolucionários triunfantes que marquem o cenário da luta de classes mundial - que exhibe inúmeras revoltas e rebeliões em distintos quadrantes do globo -, o esgotamento cada vez mais flagrante da dinâmica da globalização, liderada pelos EUA, tem como eixo principal a emergência da China como potência capitalista que busca disputar nichos de acumulação de capital com os EUA, o Japão e as potências europeias, para, com isso, melhorar sua posição no concerto de nações desse mesmo sistema. A ascensão da China, não apenas econômica mas também político-militar, passa a ser um dos fatores mais importantes da época.

Nesse cenário, a *Revista Cronos* lança o dossiê *Os dilemas do Dragão: passado e presente da China em debate*, que reúne artigos que abordam o tema da China contemporânea em distintos âmbitos e busca contribuir com uma reflexão crítica acerca da sua estrutura socioeconômica e política, em diálogo com referências internacionais sobre o assunto. Tem como objetivo proporcionar um mapa que ajude os pesquisadores, mas também todos os interessados que não são oriundos do mundo acadêmico, a compreender as discussões sobre a realidade chinesa. Os iniciados no tema não são um público-alvo exclusivo, uma vez que o conteúdo do dossiê busca contribuir para a reflexão - e a ação - dos segmentos socialmente subalternos, das camadas exploradas e

oprimidas interessadas por conhecer as reflexões atuais sobre a China, a crise mundial e a perspectiva de novos conflitos na luta de classes, à luz da necessidade de encontrar uma saída progressista para esse cenário.

Entre eles, Isabella Weber, uma importante economista alemã com seu artigo *A China e o neoliberalismo: para além da dicotomia de se a China é ou não neoliberal?* – traduzido exclusivamente para este dossiê – que se propõe a investigar se a China adota ou não o modelo econômico neoliberal, e as razões da relevância da temática do neoliberalismo para o caso chinês. A perspectiva da autora é a de superar uma dicotomia analítica entre a planificação estatal e a adoção do modelo neoliberal, examinando o desenvolvimento econômico do país asiático ao longo das últimas décadas em polêmica com autores clássicos do pensamento neoliberal, como Friedrich Hayek, Ludwig von Mises, assim como autores da tradição marxista. A autora aponta um avanço do neoliberalismo na China a partir da crise dos anos 1970 e a morte de Mao Tsé-Tung, analisando reformas promovidas pelo Estado chinês que combinaram esse modelo com a manutenção de aspectos de um gerenciamento estatal, como a manutenção da propriedade nacionalizada da terra, o Sistema de Responsabilidade Doméstica (HRS), e a reforma da política de manutenção de preços. Por fim, a economista resgata a teoria da crise em Marx e se propõe a investigar a sua aplicação na economia planificada chinesa.

O dossiê traz ainda a contribuição de pesquisadores marxistas para investigar o papel da China no cenário geopolítico atual, assim como o caráter da luta de classes interna desse país. Entre eles, o sociólogo André Barbieri, doutor em Ciências Sociais pela UFRN, que em seu artigo, *Ascensão pacífica da China ou nova era de conflitos entre potências?*, investiga as coordenadas da disputa entre os Estados Unidos e a China dentro da nova etapa de rivalidade entre potências após a crise de 2008 e o esgotamento do ciclo neoliberal. Trata-se de um artigo que polemiza com a tese de que a China serviria a uma suposta “multipolaridade benigna”. O pressuposto dessa tese é que a disputa hegemônica no capitalismo pode se dar sem o acirramento militar e revolucionário, e que a China de Xi Jinping seria uma alternativa progressista diante da violência do imperialismo estadunidense. O autor se opõe a essa tese e argumenta que se trata de um conflito entre potências capitalistas dissimilares, não progressista em termos sociais e econômicos, e que o fator da luta de classes na China e da solidariedade dos seus trabalhadores com os povos oprimidos no mundo é determinante para uma saída independente de ambos os campos em conflito.

Por sua vez, Seiji Seron Miyakawa e Mariana Ribeiro Jansen Ferreira abordam o tema da geopolítica e seus fundamentos econômicos em seu trabalho *Causas subjacentes da escalada das tensões sino-estadunidenses*. Os autores observaram as raízes históricas do acirramento crescente das tensões entre EUA e China no papel que a economia chinesa assumiu de motorizar a economia global após a crise dos anos 1970. Com o processo de restauração do capitalismo na China, a transferência da produção manufatureira dos países centrais para o seu território foi vital para criar novos nichos de acumulação. Dado seu superávit comercial, a China pôde ser parte central da sustentação dos déficits comerciais estadunidenses por meio da aquisição de títulos do Tesouro. Após o estouro da bolha imobiliária estadunidense, a China teria passado por um processo de transformação no seu padrão de acumulação, centrado no consumo das famílias e na inovação autóctone, buscando substituir a sua dependência das exportações e dos investimentos estrangeiros.

Apesar do desenvolvimento tecnológico, a China conservou debilidades em termos de produtividade, poderio militar, dependência financeira e até cultural e ideológico, e passou a rivalizar com a economia estadunidense de modo desigual, não sendo ainda capaz de superar a hegemonia norte-americana.

Também contido no dossiê está o trabalho de Edison Urbano, *Alguns aspectos da evolução recente da classe trabalhadora chinesa e seus desafios organizacionais*, que trata das novas formas de organização da classe trabalhadora chinesa, paralela aos sindicatos estatizados. Não obstante, observou o movimento de setores patronais de busca por novas formas de mediação para lidar com conflitos laborais, devido à incapacidade de esses sindicatos manterem o controle daquelas novas formas de organização e luta da classe operária chinesa. O autor parte de contestar uma leitura que diz que a China pôde superar desproporções e um atraso relativo, tratando das lutas operárias em seu território como uma das possíveis expressões da permanência desses fatores. O texto aborda, em uma seção especial, estudos sobre a província de Guangdong como epicentro de experiências relevantes de resistência, organização e busca por solidariedade para as lutas dos trabalhadores no país.

Contamos, ademais, com o artigo de Simone Kawakami Gonçalves Costa, que é doutora em Economia Política Internacional pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e seu artigo *Uma análise crítica de Adam Smith em Pequim*. O artigo consiste em uma análise crítica da obra *Adam Smith em Pequim – Origens e Fundamentos do Século XXI*, escrito pelo economista e historiador italiano Giovanni Arrighi, publicado em 2007. A autora se propõe a abordar a tese de Arrighi de ascensão pacífica chinesa como potencial novo *hegemon* e provável promotor de uma nova ordem, multipolar e menos belicosa, por meio de uma crítica desenvolvida a partir das vertentes derivadas da teoria do imperialismo e de uma avaliação da constituição de classes da China moderna.

Para além desse conjunto de artigos, o dossiê traz uma entrevista com Carlos Eduardo Martins, que é professor associado do Instituto de Relações Internacionais e Defesa da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A entrevista foi conduzida por André Barbieri, coordenador do dossiê, e recebeu o título *Há contradições profundas no próprio sistema-mundo: a China coloca em questão o protagonismo das potências atlantistas*, retirado da entrevista com o professor. Em seis perguntas que versavam sobre: 1) o impacto da crise da ordem global neoliberal, da pandemia da covid-19 nas taxas de crescimento chinesas e seu reflexo na dinâmica econômica global; 2) como esse impacto se expressa nas disputas entre potências e em particular na rivalidade entre os EUA e a China; 3) sobre a guerra na Ucrânia e a rearticulação em termos militares da rivalidade entre Pequim e Washington, observando o curso da política de Xi Jinping diante da guerra; 4) sobre as teses de Giovanni Arrighi de um suposto desenvolvimento pacífico da China em contraste com as tensões entre EUA e China com a guerra da Ucrânia, a militarização do mar do sul da China e o conflito sobre Taiwan; 5) sobre a 15ª cúpula dos BRICS e a iniciativa chinesa de torná-lo um possível organismo do “Sul Global”, que resultou na entrada de novos países, mas que não compartilham de um princípio coeso que fundamente esse objetivo; 6) e sobre a política exterior do atual governo brasileiro de Luiz Inácio Lula da Silva em relação à China, marcada por um não alinhamento automático, por conta da dupla dependência do Brasil dos EUA e da China. A perspectiva de Carlos Eduardo Martins é a da análise do

capitalismo como sistema-mundo, que hoje expressa renovadas expressões da decadência desse modo de produção, e uma impossibilidade de a China se constituir como uma contratendência nesse cenário.

Esperamos que este dossiê possa contribuir para que o leitor tenha uma maior compreensão dos principais temas em debate sobre a China contemporânea e a agudização das suas tensões com os EUA, e para que a classe trabalhadora e todos os segmentos subalternos possam velejar esse maremoto mundial, e conduzir a humanidade para longe dos eventos catastróficos que prepara o capitalismo mundial.

André Augusto de Paula Barbieri¹

¹ Doutor e mestre em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Professor da rede pública estadual em São Paulo e editor do semanário teórico Ideias de Esquerda. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-1300-791X>. Email: andreapbarbieri@gmail.com.